



A VOZ DAS MULHERES NA LITERATURA INDÍGENA: A INDIAZINHA CHAPEUZINHO VERDE DA ESCRITORA GUARANI MARIA LUCIA TAKUA

Elisane Andressa Kaiser da Silva

Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)

E-mail: elisanebauer@gmail.com

Mariana Cortez

Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)

E-mail: mariana.cortez@unila.edu.br

Maria Lucia Takua

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

E-mail: marialuciaperes@yahoo.com.br

RESUMO

As vozes de resistência da cultura indígena têm se manifestado por meio da expressão artística da palavra para preservar a memória cultural de seu povo e desconstruir ideias estereotipadas sobre sua cultura. Neste artigo, será apresentado o reconto **A indiazinha Chapeuzinho Verde** escrito por Maria Lucia Takua da etnia Ava Guarani, a partir da narrativa tradicional **Chapeuzinho Vermelho**. Em sua produção literária, a autora indígena criou uma história sob a perspectiva da descolonização de seres e saberes. Nessa ressignificação do conto tradicional fica evidente o propósito de ser voz e dar visibilidade ao povo e cultura indígenas nas manifestações artísticas. A partir das contribuições da Literatura Comparada e de autores como Walter Benjamin (1994), Angel Rama (1982), e Silviano Santiago (1971), as obras serão analisadas de modo comparativo, ampliando o diálogo sobre a arte do reconto como resistência.

Palavras-chaves: literatura indígena. Mulheres indígenas. Literatura infantil.

THE VOICE OF WOMEN IN INDIGENOUS LITERATURE: THE LITTLE INDIAN GIRL LITTLE GREEN HAT BY THE GUARANI WRITER MARIA LUCIA TAKUA

ABSTRACT

The voices of resistance of the indigenous culture have been manifested through the artistic expression of the word to preserve the cultural memory of their people and to deconstruct stereotypical ideas about their culture. This article will present the retelling of *The Little*

Rev. Igarapé, Porto Velho (RO), v.14, n.2, p. 16-30, 2021

Indian Girl Little Green Hat, written by Maria Lucia Takua of the Ava Guarani ethnic group, based on the traditional narrative *Little Red-Cap*. In her literary production, the indigenous author created a story from the perspective of decolonization of beings and knowledge. In this re-signification of the traditional tale, the purpose of giving voice and visibility to the indigenous people and culture is evident. Based on the contributions of Comparative Literature and authors such as Walter Benjamim (1994), Angel Rama (1982), and Silviano Santiago (1971), the works will be analyzed in a comparative way, expanding the dialogue about the art of retelling as resistance.

Keywords: Indigenous literature. Indigenous women. Children's literature.

INTRODUÇÃO

O conto *A indiazinha Chapeuzinho Verde* (2016) foi escrito por Maria Lucia Takua Peres, formada em Letras - Português e Espanhol pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), e que vive na aldeia *Tekoha Aty Mirî*, na cidade de Itaipulândia, localizada na faixa de fronteira¹. A autora é professora na Escola Indígena, onde vive, e constantemente compartilha as histórias que escreve com os seus alunos. A aldeia é uma dentre outras localizadas no Oeste do Paraná em uma área sem demarcação. Em razão de suas experiências, Takua coloca em evidência a questão da luta pela terra em sua literatura, sendo um reflexo de sua vivência, pois o direito à terra aparece com centralidade, uma vez que a terra é onde o modo de vida de um povo se manifesta.

No conto, a protagonista da história é uma Chapeuzinho indígena que vive em constante trânsito entre a aldeia e um sítio próximo da cidade. Essa menina utiliza recursos tecnológicos próprios da cultura urbana, mas, ao mesmo tempo revela seu pertencimento à cultura Ava Guarani. A personagem indígena mora com sua mãe *Takua*, seu pai *Karaie* seu irmão *Tupã Pepo* em um sítio perto da cidade, mas Chapeuzinho Verdenão gosta de morar no sítio e deseja morar na aldeia *Tekoha*, lugar onde vive sua avó que gosta de contar histórias para ela. A protagonista do conto é solidária e gosta de ajudar os outros, inclusive o lobo

¹ Itaipulândia (PR) é uma cidade classificada como cidade da faixa de fronteira por estar localizada nas proximidades da tríplice fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina.

que já não tem mais alimento e nem floresta para morar. Durante o percurso até a casa da vovó, a menina encontra o animal perto da cidade e tenta ajudá-lo.

Desse modo, a proposta do artigo é apresentar o reconto e propor a análise comparativa com a história base, identificando as características e elementos narrativos do conto tradicional e do reconto escrito a partir da perspectiva de uma escritora mulher e indígena que em sua literatura evidencia a cosmovisão de seu povo. Após a publicação do reconto, a autora tem se dedicado a escrever uma literatura indígena feminista, porque, para ela, escrever é uma forma de resistência, por isso, o reconto *A Indiazinha Chapeuzinho Verde* será analisado a partir desta mesma perspectiva.

APRESENTAÇÃO DO RECONTO A INDIAZINHA CHAPEUZINHO VERDE: LUTAS E RESISTÊNCIA

A arte do reconto em diferentes estilos foi (e segue sendo) uma prática na Literatura Infantil (e adulta). A pesquisadora Vera Maria Tietzmann no livro *Conto e Reconto – das fontes à invenção* (2012), explica o termo reconto e suas características:

Se, como sugere o prefixo reduplicativo, recontar é contar de novo, podemos incluir neste processo um leque muito amplo de produtos obtidos com base em textos anteriores. Recontar histórias pode tanto constituir uma atividade oral – uma modalidade de jogo dramático –, como uma elaboração escrita, processos de que resulta um texto para ser lido (TIETZMANN, 2012, p. 13).

No Brasil, somente no final do século XIX, é que surgiram as primeiras adaptações de histórias tradicionais, como *Contos Populares do Brasil* (1885), de Silvio Romero, *Contos da Carochinha* (1896), de Figueiredo Pimentel, *Histórias da Tia Nastácia* (1937), de Monteiro Lobato, *Contos Tradicionais do Brasil* (1946), de Câmara Cascudo. Neste contexto, destaca-se Monteiro Lobato considerado o mais importante autor da Literatura Infantil no Brasil e um estudioso dos relatos orais, registrando-os nas histórias da turma do *Sítio do Pica-pau Amarelo*. Outros autores também se dedicaram a recontar as narrativas populares:

Na literatura Infantil brasileira, o reconto tem sido o instrumento que muitos autores vêm usando para preservar a nossa memória cultural. Também nessa frente, Lobato foi um pioneiro que abriu o caminho depois tomado por outros escritores, seja

“vestindo nacional” os contos de Grimm, seja promovendo uma pesquisa que chamou de inquérito sobre o saci. Nos anos de 1980 Joel Rufino dos Santos foi em busca das nossas raízes populares recontando, lendas indígenas e narrativas de escravos africanos. Hoje Daniel Munduruku, leva adiante esse propósito de preservar as culturas indígenas, narrando as histórias por um viés privilegiado, “de dentro” da sua cultura (TIETZMANN, 2012, p. 30).

O reconto **A indiazinha Chapeuzinho Verde** (2016) da escritora indígena Maria Lucia Takua é um exemplo do reconto, ou seja, uma história que nasce de outra história. Apesar de a escritora pertencer a uma cultura marcada pela oralidade, vê-se que ela considerou significativo o registro escrito e em seu recontar fica evidente a tentativa de ter voz em uma sociedade letrada, em que o indígena muitas vezes é silenciado. Para tanto, ela cria uma narrativa sob a perspectiva de um olhar descolonizador, que se contrapõe aos padrões europeus das personagens dos contos clássicos, afirmando a cosmovisão indígena, especificamente a de sua comunidade Ava Guarani.

Walter Benjamin, em *O Narrador* ([1936] - 1994), discorre sobre a importância da narrativa oral e apresenta reflexões sobre a experiência do narrador. Afirma que ela é uma forma artesanal de comunicação, na qual o narrador “deixa sua marca” na história contada. De acordo com o autor, “O narrador retira da experiência o que ele conta; sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (BENJAMIN, 1994, p. 201).

Deste modo, o reconto narrado a partir das experiências da escritora mulher e indígena configura-se como uma forma de preservar a memória de sua comunidade, e colocar em evidência a luta dos povos indígenas contra a tentativa de invisibilização de sua cultura na história dita “oficial” do Brasil.

ANÁLISE COMPARADA: CHAPEUZINHO VERMELHO E A INDIAZINHA CHAPEUZINHO VERDE

No conto clássico da **Chapeuzinho Vermelho**, na versão dos Irmãos Grimm, a protagonista é adorada por todos, principalmente pela avózinha que para agradá-la,

presenteou-a com um chapeuzinho vermelho. O presente agradou tanto a menina, que ela não quis mais saber de usar outro e, desde então, recebeu o apelido de Chapeuzinho Vermelho.

A expectativa narrativa se dá quando a mãe de Chapeuzinho Vermelho pede para ela levar uma cestinha com bolos para a sua avó que está doente, mas para isso é preciso que a personagem percorra o caminho da floresta, seguindo os conselhos da sua mãe. A menina, contudo, não obedece às ordens dirigidas a ela e opta por outro caminho. Durante o percurso, Chapeuzinhose encontra com o lobo, que por algum tempo a acompanha, distraíndo-a para ser mais rápidoemchegar à casa da vovó da menina. Enquanto Chapeuzinho Vermelho se diverte com as flores que encontra pelo caminho, o lobo corre em disparada até a casa da avó, engole-a, veste suas roupas e fica esperando sua próxima vítima que está para chegar.

Quando a Chapeuzinho chega à casa, fica desconfiada e com medo por encontrar a porta aberta e porconsiderar estranha a aparência da avó. É neste momento que a narrativa apresenta o diálogo mais conhecido e o clímax da história, que muitas vezes é memorizado e repetido pelas crianças:

- Vovó! Por que a senhora tem orelhas tão grandes? - É pra te ouvir melhor. - Vovó! Por que a senhora tem olhos tão grandes? - É para te ver melhor. - E suas mãos, vovó, por que são tão grandes? - É para te agradar melhor. - Vovó! Por que a senhora tem essa boca enorme e tão terrível? - É para te comer melhor! - Nem bem acabou de dizer isso, o lobo saltou sobre a menina e engoliu-a (GRIMM, 2008, p. 14).

Na sequência, aparece o caçador, que não aparece na versão de Perrault nem no conto *A Indiazinha Chapeuzinho Verde*, entretanto, nesta versão dos Grimm, que suaviza a trama, esse setorna um recurso fundamental para a história ter um final feliz, um herói e uma moral. Com isso, a história tem efeito moralizante, alertando para os perigos da desobediência infantil, uma vez que a personagem não seguiu os conselhos da sua mãe e acabou desviando o caminho e sofrendo as consequências de seu “erro”.

Já no conto *A indiazinha Chapeuzinho Verde* (2016) de Takua, a protagonista da história é uma menina indígena que gosta muito da natureza e dos animais. Certo dia, Chapeuzinho Verde fica com muita saudade da sua avó e das histórias que ela conta e pede permissão para sua mãe para ir até a aldeia levar um pedaço de carne e ouvir histórias e

“a sua mãe disse: - Claro minha filha! Pega a bacia azul coloca a carne e cubra com o pano verde” (TAKUA, 2016). Seguindo os conselhos da mãe, ela segue o caminho para *Tekoha*, de ônibus. Na entrada da aldeia, depara-se com o lobo que está perto do restinho da floresta que ainda existe:

- O que você está fazendo aqui Lobo? Ele respondeu. -Estou com muita fome e estou procurando comida, ainda bem que você chegou para matar a minha fome. - O que? Disse Chapeuzinho Verde, se você está pensando isso você está muito enganado, seu Lobo. O Lobo disse: - Já andei por tudo a procura de comida no restinho da floresta, mas não encontrei nada, os caçadores já mataram todos os meus alimentos e destruíram o meu habitat, por isso estou saindo na rua à procura de comida. -Entendi, disse Chapeuzinho Verde. Eu também estou na mesma situação. - Eu tenho um pouco de carne aqui nesta bacia que estou levando para a minha vovó, sou indígena, gosto muito de animais da floresta, eu sei que você não é mau, você só está com muita fome, se você aceitar a minha amizade te dou um pouco de carne (TAKUA, 2016, s/p).

Neste momento da narrativa, a personagem se espanta, porque o lobo não está em seu ambiente natural, a floresta, e entende que isso acontece porque seu habitat está sendo destruindo. Começa-se, então, a antever que este será um reconto de *Chapeuzinho Vermelho* partir da perspectiva que tematiza a questão ambiental.

A menina sensibilizada conversa com o lobo e se identifica com seus problemas, oferecendo-lhe um pedaço de carne em troca de sua amizade. Os dois seguem juntos para a aldeia, onde são recebidos pela avó que prepara o almoço enquanto os dois passeiam.

No final da história, o lobo e a Indiazinha Chapeuzinho Verde aparecem juntos lutando pelo mesmo objetivo: a luta pela terra. Ambos estão desterrados: ela no sítio próximo a cidade e ele no restinho de floresta. O reconto termina com a frase “– Somos amigos! A terra não é nossa, nós somos da terra” (TAKUA, 2016, s/p).

Como se vê, o valor simbólico da terra, para os povos indígenas, difere do valor que ela tem numa sociedade capitalista. Enquanto na cultura ocidental, a terra pertence ao homem; na cosmovisão indígena as pessoas pertencem à terra. Tal maneira de interpretar o mundo fica evidente principalmente nesse final do reconto.

A partir da análise do reconto é possível perceber que a **Indiazinha Chapeuzinho Verde**, por meio da sequência narrativa, a trama de **Chapeuzinho Vermelho**, no entanto a

roupagem não é mais uma moral, impondo o bom comportamento às meninas, mas um questionamento sobre a questão ambiental e indígena. A proposta da protagonista é ativa, já que se torna amiga do lobo e juntos decidem lutar por uma causa comum.

Além disso, enquanto a personagem do conto clássico se apresenta como ingênua, a protagonista indígena é esperta. Também, a figura do lobo é oposta a que conhecemos da história tradicional. Enquanto no conto clássico ele é o animal voraz, no reconto de uma mulher indígena, ele se encontra na mesma situação de Chapeuzinho Verde e estabelece uma relação empática com a personagem. A narrativa apresenta uma personagem solidária que gosta de ajudar os outros, inclusive o lobo que já não tem mais alimento e nem floresta para morar. Desta forma, estabelece com ele uma relação de empatia, de solidariedade, que marca outra característica dessa cultura indígena, isto é, o cuidado com a natureza e os animais.

Outro aspecto simbólico marcante no reconto é que a Índiazinha Chapeuzinho Verde se apresenta como uma menina que utiliza recursos tecnológicos (celular), porém isso não a faz abandonar sua cultura. Takua tenta desconstruir os discursos de que o uso da tecnologia implica na perda da identidade, desfazendo estereótipos criados sobre os povos indígenas.

No trânsito da personagem indígena entre um sítio próximo da cidade e aldeia, bem como as suas características em relação ao seu modo de se vestir, desconstrói-se o imaginário do lugar do indígena. Neste sentido, José Ribamar Bessa Freire, em seu texto *Cinco ideias equivocadas sobre os índios* (2002) afirma:

[...] Enfiaram na cabeça da maioria dos brasileiros uma imagem de como deve ser o índio: nu ou de tanga, no meio da floresta, de arco e flecha, tal como foi descrito por Pero Vaz de Caminha. E essa imagem foi congelada. Qualquer mudança nela provoca estranhamento. Quando o índio não se enquadra nessa imagem, vem logo a reação: “Ah! Não é mais índio”. Na cabeça dessas pessoas, o “índio autêntico” é o índio de papel da carta do Caminha, não aquele índio de carne e osso que convive conosco, que está hoje no meio de nós (FREIRE, 2002, p. 12).

Dialogando com esta ideia, Freire (2002) enfatiza que “os índios, é verdade, estão encravados no nosso passado, mas integram o Brasil moderno, de hoje, e não é possível a gente imaginar o Brasil no futuro sem a riqueza das culturas indígenas” (FREIRE, 2000, p. 17).

Considerando essa afirmação, é importante ressaltar que não basta a existência da Lei 11.645/08 que determina que a cultura e a história indígenas sejam ensinadas nas escolas, também é fundamental que os professores tenham oportunidade de acesso a uma formação relacionada ao ensino intercultural², pois, muitas vezes, as instituições de ensino que deveriam contribuir para a desconstrução dos equívocos em relação às culturas indígenas, acabam sendo as próprias reprodutoras de estereótipos. Isso pode ser percebido, por exemplo, na forma incoerente que geralmente é comemorado o “Dia do índio”, que consiste no trabalho com a ideia cristalizada de cultura presente nas representações desse dia. É importante que as instituições de ensino sejam desafiadas e se transformem, reinventem e se preparem para acolher, valorizar e mediar a diversidade cultural, revisando suas metodologias. Nesta perspectiva, *A Indiazinha Chapeuzinho Verde* pode contribuir para a sensibilização, integração e exercício da alteridade, bem como favorecer iniciativas de ensino intercultural.

Portanto, em comparação ao conto clássico da *Chapeuzinho Vermelho*, o reconto indígena *A Indiazinha Chapeuzinho Verde*, de Maria Lucia Takua apresenta uma mudança de contexto significativa, conforme demonstra o quadro a seguir:

²Entende-se que, uma aposta intercultural não é uma proposta unicamente para promover a valorização e o respeito às culturas silenciadas ou marginalizadas, ela exige uma postura ampla, pois significa também acolher o diverso. Conforme afirma Fleuri (2003), com o adjetivo “intercultural”, a complexidade não se reduz, mas adota-se esta terminologia sob a perspectiva de “compreender o “diferente” que caracteriza a singularidade e a irrepetibilidade de cada sujeito humano”. Esta postura implica, sobretudo, a troca positiva de saberes, o reconhecimento mútuo e o trabalho comum em diálogo com realidades socioculturais diferentes.

Figura 1 Quadro comparativo conto e reconto

Conto clássico: Chapeuzinho Vermelho	Reconto: A Indiazinha Chapeuzinho Verde
Característica da personagem: cosmovisão ocidental	Característica da personagem: cosmovisão indígena
Personalidade: ingênua	Personalidade: esperta, usa recursos tecnológico
O lobo é mau e vilão da história	O lobo é a vítima amigo da Indiazinha Chapeuzinho Verde
Cenário: Floresta preservada e com muitas flores	Cenário: Floresta sendo destruída
Figura do caçador	Final feliz relacionado à cosmovisão indígena
Final feliz e moralizante	

Fonte: próprio autor

Partindo da análise, compreende-se que os elementos narrativos (personagens, espaço e trama) são similares e remetem ao conto tradicional, contudo essa história-base recebe outra roupagem: o chapéu muda de cor, a relação entre protagonista e antagonista se altera e o final demonstra uma postura ativa dos personagens na narrativa indígena. Enquanto nesta a questão ambiental e indígena é o fio condutor, naquela, a obediência é o valor cobrado.

Para tanto, a escritora indígena se utiliza de uma narrativa tradicional da cultura ocidental *Chapeuzinho Vermelho* para recontá-la à sua maneira em *A Indiazinha do Chapeuzinho Verde*. Desse modo, mesmo a autora utilizando a estrutura de uma narrativa de tradição ocidental, faz uma transcrição³, nos termos propostos por Haroldo de Campos (2010), pois ela introduz marcas que são próprias da sua escritura e da sua cultura e sob um olhar transgressor e se propõe à desmistificação da imagem do indígena, por meio da desarticulação e rearticulação da narrativa clássica.

³Haroldo de Campos, partindo dos estudos da tradução, afirma que é possível transcriar um texto, produzindo, assim, uma obra autônoma, ainda que reciprocamente interligada com o texto original.

Para contribuir com essa reflexão, recorreremos aos estudos de Silviano Santiago, que no livro de ensaios *Uma literatura nos trópicos* (1971) discute sobre o entrelugar do discurso literário latino-americano em confronto com o europeu, uma vez que a América Latina não pode mais negar-se à invasão dos colonizadores, tampouco, retornar a sua posição de isolamento. O autor segue afirmando que "o silêncio seria a resposta desejada pelo imperialismo cultural, ou ainda o eco sonoro que apenas serve para apertar os laços do poder conquistador. Falar, escrever, significam: falar contra escrever contra" (SANTIAGO, 2000, p. 16-17).

É, assim, pertinente analisar o reconto sob uma perspectiva de resistência, pois, conforme Angél Rama (1985), a escrita é um ato político. Este reconto se apresenta como uma narrativa que chama para o exercício de alteridade frente à memória do “outro”, permitindo um descentramento do olhar e promovendo o encontro.

Santiago (1971) propõe que é preciso sair dessa dicotomia de estudar apenas as fontes e as influências e enfatiza a necessidade de valorizar o que é próprio – o diferente. De acordo com o estudioso, a cópia é concebida como expressão e transgressão. Em uma entrevista⁴ disponível na *Revista Trópico* o autor afirma que:

Eu tenho trabalhado essa questão há muito tempo, em particular num ensaio intitulado “O entre-lugar do discurso latinoamericano”, no qual eu havia proposto que o escritor latino-americano, ou em sociedades estética, econômica e socialmente dependentes de uma certa hegemonia metropolitana, ele é obrigado a trabalhar com formas-prisões, e uma das coisas que destaco é que a forma prisão é sempre canônica, ela é imposta de fora. É aquele exterior com o qual temos de conviver, devemos conviver, e na medida do possível devemos transgredir, para que surja uma voz que tenha certa originalidade, que não seja mera cópia. Portanto, quando eu falo de cópia, estou usando a palavra “cópia” no sentido de transgressão a alguma coisa, não é a cópia xerox. A cópia repete em diferença (SANTIAGO, 2010, p. 6).

A utilização de elementos que fazem parte da cosmovisão indígena é uma marca evidente no reconto *A indiazinha Chapeuzinho Verde*. A autora utiliza a literatura como forma de transgressão e de expressão, corroborando a afirmação de Santiago que afirma:

⁴Entrevista: <http://www.observatoriodacritica.com.br/arquivos/entrevistas/silviano/3.pdf>

O segundo texto se organiza a partir de uma meditação silenciosa e traiçoeira sobre o primeiro texto, e o leitor, transformado em autor, tenta surpreender o modelo original em suas limitações, suas fraquezas, em suas lacunas, desarticula-o e o rearticula de acordo com suas intenções, segundo sua própria direção ideológica, sua visão do tema apresentado de início pelo original (SANTIAGO, 1971, p. 20).

O teórico Ángel Rama (1926 – 1983), a partir do conceito de transculturação de Fernando Ortiz, elabora o conceito de transculturação narrativa. De acordo com Rama, isso se dá pela ocorrência de três operações fundamentais no interior da narrativa, sendo elas: o uso da língua, a estruturação literária e a cosmovisão. Percebe-se que, para o autor uruguaio, a cosmovisão é o terceiro nível das operações transculturadoras, identifica-se que no reconto *A Indiazinha Chapeuzinho Verde* essa transculturação se concretiza por meio da busca por uma linguagem que possa dar visibilidade a cultura indígena. Isso é perceptível na narrativa pelo valor simbólico das cores e a constituição de uma linguagem que recorre ao uso de palavras na língua guarani, remetendo a outra categoria de Rama, pois algumas palavras se referem a lugares ou nomes próprios, como por exemplo: *Tekoha* (onde vivemos)⁵; *Chamoi* (rezador, líder religioso); *Takua* (nome guarani e instrumento que é usado pela mulher na casa de reza (bambu); *Karai* (nome guarani dos homens).

Com respeito aos aspectos simbólicos, a cor verde do chapeuzinho da personagem indígena coloca em evidência a relação que os indígenas têm com a terra, pois associa-se o verde à questão ambiental, e por vezes o indígena também é vinculado à natureza, principalmente por sua forma de estar em harmonia com ela. A cor do chapeuzinho pode representar a floresta preservada, contudo a ação do homem “vindo de fora”, colocou-a em risco.

Na construção da narrativa é possível perceber esses elementos, sobretudo nas seguintes passagens:

1. Pega a bacia azul coloca a carne e cubra com o pano verde (TAKUA, 2016).
2. Conversou com o *chamoi*, olharam os instrumentos religiosos, admiraram os artesanatos (TAKUA, 2016).

⁵Tradução Maria Lucia Takua – professora e escritora indígena da etnia Ava Guarani.

3. Chapeuzinho Verde não gostava de morar no sítio e queria mesmo morar no *Tekoha* (TAKUA, 2016)⁶.

A escritora Maria Lucia Takua, por meio da expressão artística da palavra, contrapõe-se à memória criada artificialmente no imaginário social, como se percebe na historiografia e na literatura do século XIX. Na literatura, constata-se que as obras do romantismo estão vinculadas principalmente à opção pelo índio - herói, romantizado, com características típicas dos cavaleiros medievais. De acordo com Doris Sommer em **Ficções de fundação: Os romances nacionais da América Latina** (2004), essas narrativas construíram um imaginário de nação. Os romances apresentavam enredos que colocavam em evidência a sociedade de hierarquia patriarcal. Nas palavras de Doris Sommer:

Os romances românticos caminham de mãos dadas com a história patriótica na América Latina. Os livros acenderam a chama do desejo pela felicidade doméstica que invade os sonhos de prosperidade nacional; projetos de construção da nação conferiram um propósito público às paixões privadas (SOMMER, 2004, p. 21).

Observa-se a importância de a história não ser contada apenas sob a perspectiva dos vencedores, pois há o equívoco de não perceber que os verdadeiros vencedores são os povos que até hoje resistem para terem o seu lugar no mundo, mesmo sendo em uma terra que sempre lhes pertenceu, ou conforme a cosmovisão indígena: sempre pertenceram a essa terra.

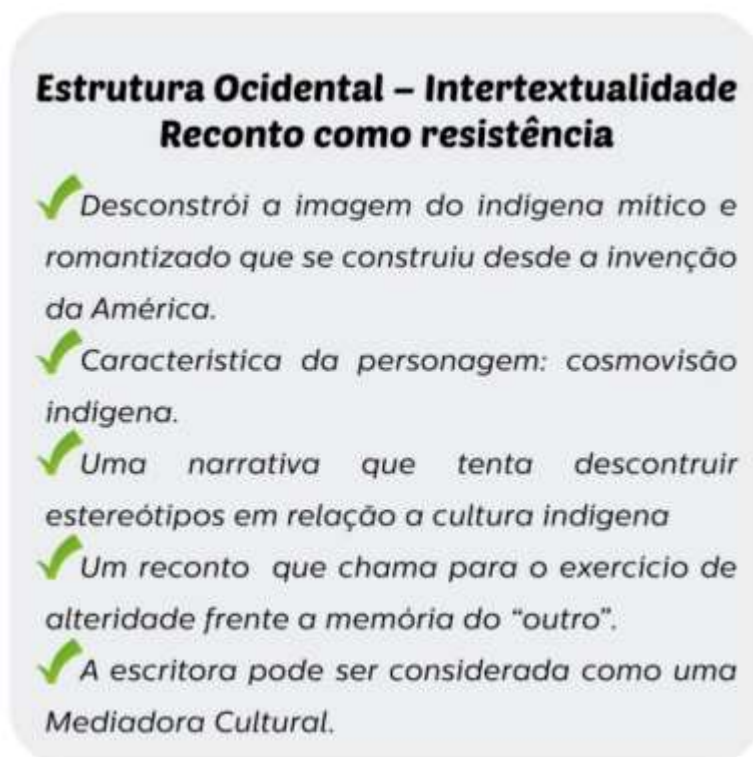
Para tanto, é necessário que haja ênfase nos processos de construção das identidades culturais por meio das memórias, na qual a chave da transformação é narrar (e ser narrado), reforçando a ideia da dinamicidade das culturas e também da visibilidade dos oprimidos. Nesse contexto, recorremos ao professor Paulo Freire (2016) que contribui para refletir sobre o estado de opressão presente na sociedade:

Quem melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela (FREIRE, 2016, p. 65).

⁶Não há marcação de páginas, pois, até o momento, o conto não foi publicado.

Partindo dessas considerações, se, historicamente, o povo latino-americano, especialmente, os indígenas vivem em um cenário de conflito constante entre o colonizador e o “bárbaro”, é possível perceber como as vozes de resistência se fazem fundamentais para a desconstrução de equívocos e para visibilizar as culturas que fazem parte da formação do povo brasileiro. Desse modo, é possível considerar a escritora como uma mediadora cultural que por meio de uma linguagem artística busca dar visibilidade para sua cultura ao provocar essa mudança de contexto da narrativa, conforme destacado no quadro a seguir:

Figura 2 Quadro de análise do reconto



Fonte: próprio autor

Conforme a análise apresentada, considera-se que a transculturação se manifesta no encontro do conto clássico com o conto contemporâneo, em que há uma resignificação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões que a narrativa apresentada suscita são significativas para revisitar o passado e refletir sobre o presente, pois as questões colocadas são fundamentais em um contexto com a necessidade de pensar e se solidarizar com o outro, de sensibilização ambiental e de consciência política.

O reconto *A Indiazinha Chapeuzinho Verde*, como vem ocorrendo com autores indígenas, tem um valor singular, pois o registro escrito das narrativas orais, que antes pertencia por excelência ao não indígena, na atualidade tem a possibilidade de coexistir.

Por fim, espera-se que este artigo se apresente como um convite à reflexão e incentivo à leitura de escritoras indígenas, as quais escrevem com a voz da natureza, dos seus ancestrais e colocam na sua literatura uma voz coletiva. Nesse caso, além da Maria Lucia Takua, escritora de *A Indiazinha Chapeuzinho Verde*, também se destacam outras autoras indígenas como: Julie Dorrico⁷ (Macuxi), Auritha Tabajara, Eliana Potiguara, Chirley Pankará, Aline Pachamama, entre outras.

Reconhecendo a potencialidade da literatura, acredita-se que por meio da leitura é possível desenvolver esse processo de desconstrução, reflexão e construção de uma nova história, pois, se a América Latina também foi colonizada pela escrita, é concebível acreditar no caminho inverso, isto é, na descolonização por meio da escrita.

Compreende-se que esse é um caminho a ser construído e a literatura e as artes se apresentam como uma possibilidade para esse fim.

⁷Durante a pandemia de Covid-19, um projeto nomeado *Leia mulheres indígenas*, idealizado por Julie Dorrico, contribuiu com a difusão das produções, em língua portuguesa e/ou materna, das mulheres indígenas residentes em território nacional brasileiro. Iniciativas como essa, servem de incentivo para que cada vez mais autoras publiquem as suas obras e façam da escrita a sua forma de resistência.



REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CAMPOS, Haroldo de. **Metalinguagem e outras metas: ensaios de teoria e crítica literária**. 4ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2010.

GRIMM, Jacob. **Contos Grimm – Chapeuzinho Vermelho**. Tradução: Maria Heloísa penteado. 7ª edição. São Paulo: Ática, 2008.

PERRAULT, Charles. **Contos de Mamã Gansa**. Tradução e introdução: Ivone C. Benedetti. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.

RAMA, Ángel. **A Cidade das Letras**. São Paulo: Brasiliense, 1985. Literatura e Cultura na América Latina. São Paulo, EDUSP, 2001.

RAMA, Angel. **Transculturación narrativa en América Latina**. Siglo XXI Editores: México, 1982.

Silviano Santiago. **O entre-lugar Do Discurso Latino-Americano**. 1971. in Uma Literatura Nos Tropicis. Ensaio Sobre Dependência Cultural. 2ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 2000

SOMMER, Doris. **Ficções de fundação. Os romances nacionais da América Latina**. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

TAKUA Maria L. **A Indiazinha Chapeuzinho Verde**. Foz do Iguaçu: Guatá - Cultura em Movimento. Disponível em <<http://www.guata.com.br/2018/04/19/a-indiazinha-de-chapeuzinho-verde>> Acesso em: 05 jan. 2019.

TIETZMANN, Vera M. **Sobre os contos e recontos**. In: AGUIAR, Vera Teixeira. MARTHA, Alice Áurea Penteado. (Orgs.) Conto e Reconto: das fontes à invenção. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.